

IMAGENS, DESENHOS E SIGNIFICADOS: Inclusão além dos muros da escola¹

Neli Klix Freitas²

Helene Paraskevi Anastasiou³

Palavras-chave: Inclusão sócio-educativa; imagens; significados

Resumo: O artigo apresenta dados da pesquisa sobre a inclusão sócio-educativa. O direito ao ensino regular tem possibilitado às crianças com necessidades educacionais especiais o desenvolvimento de funções cognitivas e a integração na sociedade. Ampliando-se para além dos muros da escola, investigamos a inclusão em ONGs, Museus e Empresas. Os dados coletados incluem atividades com imagens no computador e desenhos feitos por portadores de síndrome de Down na ONG Amigo Down. A ONG proporciona atividades sócio-inclusivas diárias e que as imagens permitem a identificação de significados nos participantes, relacionados com elementos do contexto e com a importância da interação social.

1 - Inclusão e Interação Social: Legislação e Questões Iniciais

A inclusão é uma possibilidade que se abre no campo da educação e que depende de muitos fatores, tais como políticas públicas adequadas, mudanças sociais e disponibilidade social para enfrentar inovações. No Brasil, o desafio foi lançado, sendo uma realidade, por determinação da lei.

¹ Projeto de Pesquisa Imagens, Desenhos e Significados de Professores e de Crianças com Necessidades Educacionais Especiais em Educação Inclusiva, do Centro Artes/UEDESC. Grupo de Pesquisa Arte e Educação.

² Orientadora, Professora Dra. do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes da UDESC. neliklix@terra.com.br.

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Plásticas. Centro de Artes da UDESC, bolsista de Iniciação Científica PROBIC/UEDESC.

A Constituição Brasileira de 1988, capítulo III, da Educação, da Cultura e do Desporto, artigo 205 prescreve que a educação é direito de todos e dever do Estado e da Família. E, no artigo 208, prevê que é o dever do Estado com a educação ser efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº Lei 9394, de 20/12/96, também aponta a abordagem inclusiva para os sistemas de ensino, dedicando o capítulo V4 à Educação Especial. Há outras referências importantes, como a Declaração de Salamanca (1994), um marco que veicula a educação para todos. Mas é preciso considerar outras direções além da legislação.

No entanto, pontuamos que a escola por si só ainda não consegue atender às demandas da inclusão, que, por ser ampla, requer outros esforços que se ampliam e se estendem para além de seus muros, inserindo a sociedade como um todo. Estamos falando da inclusão sócio-educativa.

Muitos professores afirmam que não estão preparados para enfrentar os desafios da educação inclusiva. Estas afirmações estão também relacionadas com as dificuldades para lidar com as diferenças e aceitar desafios. Certamente, o apoio aos professores é fundamental para que os problemas sejam avaliados em todas as dimensões, e se desfaçam mitos existentes.

Estudos e pesquisas atuais resultam em ferramentas de revisão de percepções, podendo auxiliar na superação de dúvidas sobre o tema. ... fundamental referir questões teóricas, como as propostas de Vygotsky, que apontam para a relevância da interação social no desenvolvimento e na aprendizagem humana.

⁴ LDBEN 9394/96: no artigo 59, consta que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades educacionais especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades (BRASIL, 1996).

2. Vygotsky e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem

Vygotsky (1984) postula que o professor deve ser um mediador entre o sujeito que aprende e o conhecimento. Para Vygotsky há três questões imprescindíveis ao processo de construção do conhecimento: o aluno, como o sujeito que aprende; o professor como mediador; a cultura, os signos como ferramentas a serem empregadas (VIGOTSKY, 1984,p.47). Na educação inclusiva, a mediação adquire um caráter de grande importância.

Desse modo, crianças com necessidades educativas especiais necessitam de ações mediadoras, da postura de mediação do professor, família, agentes culturais e da sociedade, na interação com outras pessoas sem necessidades educativas especiais. Consolidando-se esse processo, pessoas sem necessidades educativas especiais tornam-se também mediadoras para aquelas com necessidades educativas especiais, e as ações se reconfiguram. Trata-se de novos tempos, outras posturas, nas quais a interação social é imprescindível.

Vygotsky (1987) destaca níveis de desenvolvimento envolvidos na aprendizagem, descrevendo o nível de desenvolvimento real (o que a pessoa é capaz de fazer sozinha), o nível de desenvolvimento potencial (o que a pessoa é capaz de fazer em conjunto com outras pessoas do seu meio social). A distância entre um nível e outro é a zona de desenvolvimento proximal, onde as funções ou conhecimentos e aptidões dos indivíduos estão em processo de aprendizagem. Deste modo, esse processo de aprendizagem se daria no contato com o meio social, seus objetos e significados, e principalmente com o outro, nas interações sociais.

Para Vygotsky, segundo Rego, o desenvolvimento humano acontece pelas trocas entre o meio e o indivíduo, ao longo da vida e não como decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento. (REGO, 1995,p.95)⁵.

⁵ Nesta abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real, nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito

O processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria prima fornecida pela cultura não é um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese, sendo um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano. ... como se, ao longo do seu desenvolvimento, o indivíduo tomasse posse das formas de comportamento fornecidas pela cultura, num processo em que as atividades externas e as funções interpessoais transformam-se em atividades internas, intrapsíquicas. (OLIVEIRA, 1997, p.58).

Considerando essas questões sobre aprendizado, desenvolvimento e interação social abordadas por Vygotsky, destacamos a importância da inclusão sócio-educativa, compreendendo espaços como a escola, família, museus e centros culturais, atividades da iniciativa privada, do terceiro setor (ONGs), enfim, a sociedade como um todo. Não se pode mais negar que a inclusão sócio-educativa avança em áreas que permeiam a vida em sociedade. Os indivíduos, em contato com a sua comunidade, seu contexto social, com pessoas de níveis de desenvolvimento semelhantes e diferentes, experimentam uma rica gama de possibilidades de agir com o mundo, atuando sobre ele, produzindo seu conhecimento em conjunto com o outro. Salienta-se a importância da troca que ocorre na vida em sociedade, em e pela interação social. Os níveis de desenvolvimento dos indivíduos vão se alargando no contato com o outro.

Em seus estudos, Vygotsky (1984) buscou respostas a uma série de questões inseridas no desenvolvimento de cada indivíduo. A primeira questão tem como foco a compreensão da relação entre os seres humanos e o meio. A segunda questão busca a identificação de novas formas de atividade, inserindo o trabalho na dinâmica do desenvolvimento humano como meio fundamental de relacionamento com a natureza e consigo mesmo. A terceira questão relaciona-se com a análise das relações entre o uso de

ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem. (REGO, 1995, p.98).

instrumentos e o desenvolvimento da linguagem, que possibilita a atribuição de significados e a construção de sentidos para o que se vivencia e se faz. (FREITAS, 2009, p.56).

A arte é um destes espaços privilegiados onde a inclusão pode se efetivar. As reflexões que se seguem mostram possíveis caminhos nesta direção, dentro e fora das escolas.

3- Arte, Ensino de Arte e Interação Social: Diálogos entre a arte e a inclusão

Outro autor que nos auxilia a pensar a importância da cultura no processo de inclusão social é Edgard Morin (2000), pontuando que as interações entre indivíduos produzem a sociedade que, por sua vez, testemunha o surgimento da cultura, retroagindo sobre os indivíduos pela cultura.

A complexidade não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo o desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana (Morin, 2000, p.52).

Estas questões são importantes em todas as áreas do conhecimento. Também no ensino de artes. O fazer em arte não responde a fórmulas ou aprendizagens pré-estabelecidas. Trata-se de um saber aberto que, mais do que configurar um pacote de conhecimentos acumulados, gera uma relação significativa em cada momento, com particularidades e especificidades da realidade, dos acontecimentos do mundo, resultando num sujeito criativo, dialogando com experiências complexas, produzindo tanto transformações na pessoa que cria, quanto no contexto em que está inserida.

A ideia de comunidade implícita nestas afirmativas relaciona-se com as especificidades e com a heterogeneidade de cada grupo. A comunidade é aquele espaço social, que possibilita apreender como trabalhar com as diferenças, compreendendo que estas se transformam e se desenvolvem, ampliando a noção de diversidade, anexando a ela a empatia, a troca pela interação e pelo intercâmbio de saberes, percepções e sensibilidades

(PERINOLA, 2002) .

A heterogeneidade caracteriza as ações de caráter inclusivo vigentes em arte, educação e diferentes áreas do conhecimento, em todos os níveis e instâncias na vida em sociedade. Mesmo diante dos imperativos legais, muitos questionamentos estão presentes, como a oposição binária ainda existente na vida social entre inclusão e exclusão. Nas Artes Visuais, tanto no que se relaciona com os processos de criação, quanto os de ensino, as diferenças não podem ser descritas em termos de melhor e/ou pior, bem ou mal, superior ou inferior, maioria ou minoria, dentre outras considerações. São simplesmente diferenças (FREITAS, 2008).

Assinalando diferenças, volta-se a posicionar essas marcas, essas identidades como sendo opostas à ideia de norma e daquilo que é pensado e fabricado como correto, positivo ou melhor. ... como estar diante de quadros superpostos, ou partes de um mesmo quadro. Na realidade, é um mesmo quadro, que possui tonalidades distintas (LARROSA; SKLIAR, 2001).

Considerando que a inclusão não se restringe à escola e ampliando seu papel na sociedade, cumpre ressaltar ações voltadas para propostas em museus, centros de cultura, e outras iniciativas, como as Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Para entender como o estímulo do meio social e a associação com trabalhos de arte, do fazer, pensar e viver artístico nestes espaços age no desenvolvimento de pessoas com necessidades educacionais especiais buscou-se a mediação de autores como Vygotsky e Luria, que focalizaram a interação social e a mediação nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento humano e auxiliaram nos citados fundamentos desta pesquisa.

4. Percorso Metodológico

Definido o problema, a pesquisa pressupõe investigação e análise. ... preciso não somente investigar certos aspectos da realidade, mas também analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, percebendo a conexão interna entre elas. (Anastasiou:1998, p. 160).

Empregamos a metodologia qualitativa, orientada para a análise de casos e situações concretas, em sua particularidade temporal e local, partindo de expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais (FLICK, 2004,p.28). Ela objetiva responder questões particulares, cujo preocupação não é ser quantitativa, mas trabalhar com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Para isto é necessário aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas e entre pessoas e sistemas (MINAYO, 1994).

A pesquisa qualitativa apresenta cinco características (conforme Bogdan e Blikem, 1994, p. 47-51) apud Spitzner (2002, p. 50-51). A primeira é que a fonte dos dados é o ambiente natural e o investigador é o instrumento principal: o pesquisador passa grande período de tempo no local de pesquisa e considera a importância do contexto para sua viabilização. A segunda enfatiza que ela é descritiva: dados são colhidos em forma de imagens, transcrições de entrevistas, fotografias e não em números. A terceira característica é o interesse maior pelo processo. A quarta é a tendência a analisar os dados de forma indutiva; a quinta é a importância do significado, se interessando pelo modo como as pessoas dão sentido às suas vidas, às apreensões das perspectivas dos participantes.

Para esta pesquisa foram realizadas coletas de dados em várias visitas as ONGs e Museus, em interação com os educadores e funcionários dessas instituições. Nas ONGs as visitas incluíram contatos e coleta de desenhos com nove sujeitos portadores de Síndrome de Down.

Na análise dos desenhos seguiu-se a metodologia de Vygotsky (1996), com ênfase na constituição social do desenho, que considera elementos do contexto, da interação social, da afetividade presentes no mesmo.

4.1. Coleta de Dados

O processo de coleta de dados foi realizado através de entrevistas com a direção, professores e voluntários da ONG Amigo Down, em São José, Santa Catarina. Nelas identificou-se as atividades sócio-inclusivas desenvolvidas, seus objetivos, características

dos freqüentadores e interações da ONG com escolas e a comunidade, legislação específica, dentre outros. Realizamos visitas às dependências, observação de atividades e solicitação de autorização para a coleta de dados com as pessoas portadoras de síndrome de Down. Estabeleceu-se contato com nove participantes, de ambos os sexos, que já passaram por escolas, mas, em função da idade, não se inserem mais em classes regulares de escolarização; nestes casos, a ONG desempenha um papel relevante. Considerando as características dos participantes, o processo de coleta de dados deu-se em atividades coletivas, sendo desenvolvidas atividades com o uso do computador e produção de desenhos, utilizando-se ferramentas diferentes, possibilitando expressão em diversas linguagens.

Cada participante trabalhou em um computador com um programa simples no meio digital: o *paint*, já instalado na instituição, o que facilitou o processo.

Realizaram também desenhos livres e solicitou-se que comentassem, considerando-se suas limitações na comunicação verbal. Para a obtenção de desenhos feitos a mão pelos participantes que participam da ONG Amigo Down disponibilizamos canetas, lápis de cor, giz de cera, lápis e papel.

4.2. Análise dos dados

A atividade realizada em vários encontros na ONG Amigo Down⁶⁷, teve como sujeitos nove portadores de síndrome de Down. O processo de coleta de dados mostrou que, ao longo da vivência, ao trabalhar com o computador, os participantes ampliaram o interesse e a percepção de uma maior gama de possibilidades com a ferramenta (computador),

⁶Dentre outros, o limite de que são os conhecimentos sobre o manejo de todas as necessidades especiais e outros correlatos que lhes faltam e lhes trazem alívio e competência para resolver as situações-problema (MANTOAN, 1997, p.33).

⁷ A Associação Amigo Down tem certificado de utilidade pública e oferece apoio a portadores de síndrome de Down e seus familiares até 17 anos. Está situada na rua Nove de Julho, 900 em São José - SC.

visualizando imediatamente os resultados obtidos. Nas atividades os participantes desenvolveram coordenação visuo-motora e percepção estética, ampliando a percepção de suas possibilidades como usuários do meio digital. Mostraram-se satisfeitos, participativos, com bom nível de concentração produzindo um grande número de imagens.

Para portadores de necessidades especiais em idade escolar a legislação garante uma relativa inclusão social na escola, onde o sujeito se relaciona com outras pessoas, encontrando possibilidades e desafios para desenvolver suas capacidades. Após esta fase, são as ONGs que têm disponibilizado espaço para a continuidade desse desenvolvimento.

A partir de recorte do material coletado, neste artigo serão focalizados três desenhos produzidos no computador e um desenho produzidos em papel sulfite A3, com giz de cera e lápis de cor. Usamos nomes fictícios para identificar os sujeitos participantes, preservando sua identidade.

Segundo Pereira e Freitas (2007, p.6) o desenho é muito importante ao se estudar a representação de mundo dos indivíduos. Neste ato de desenhar está implícita uma conversa entre o pensar e o fazer. Está contidas referências do cotidiano, alusões à fantasia, lembranças, elaborando correspondências, simbolizando, significando num jogo contínuo entre o real, o percebido e o imaginário.

Olhando os desenhos vemos muitas representações dos participantes, seu olhar sobre si mesmos e sobre o mundo a sua volta, lugares do cotidiano e situações que os marcaram de forma significativa, como no caso do desenho que representou um passeio feito com os integrantes da ONG, semanas antes da atividade que gerou o recolhimento dos desenhos.

A fala é o signo fundamental que possibilita a ponte com o conhecimento de sentido subjetivo atribuído ao desenho. Portanto, é o pensamento expresso através da fala da criança que explicita seu mundo, e não somente os traços, rabiscos e figuras que, sozinhos remetem a muitas interpretações. (PEREIRA e FREITAS, 2007,p.5)

Partindo deste princípio, solicitamos aos participantes que falassem sobre seus desenhos: contaram o que tinham desenhado, algumas vezes utilizando-se de mímicas para se fazer entender devido às dificuldades de linguagem.

Verificamos a presença de muitos elementos do cotidiano dos participantes: suas casas, ruas e lugares que frequentam, assim como lugares imaginários ou que eles não conhecem, mas conseguem criá-los em sua mente, deduzindo-os ou inventando-os. Pode-se relacionar estas afirmativas com a imaginação, o que, ao combinar elementos armazenados na memória com novas vivências e experiências, amplia espaços perceptivos para novas aprendizagens (VYGOTSKY, 1996).

A imaginação atribuída ao desenho, na verdade, relaciona-se com recriações de elementos visuais que a criança já conhece e sentimentos do mundo real de que se apropria, internalizando-as em seu repertório psicológico, expressando em seu desenho o seu estilo. (CARNEIRO e FREITAS, 2008,p.6)

Figura 1. Imagem e cores

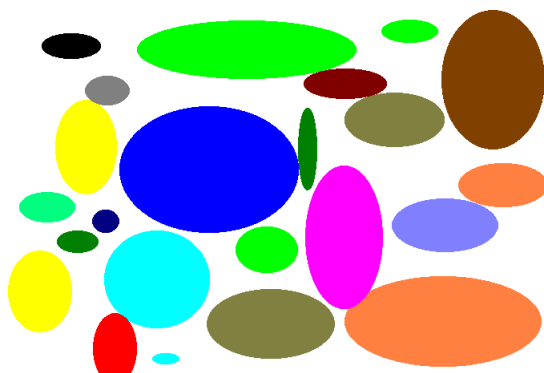


Figura 1- Lilian, 35 anos - Desenho no computador: Cores e Formas

Nesta parte da amostra de dados, está o desenho de Lilian, 35 anos, participante de atividades na ONG; ela usou uma ferramenta do programa *Paint* que permite fazer diversas

formas ovais ou circulares, colorindo-as com cores diferentes. Ela falou sobre o carnaval, acontecido recentemente.

Figura 2. Janelas e Bandeiras



Figura 2- Renato, 21 anos - Desenho no computador: Janelas e Bandeiras

O segundo desenho feito no computador por Renato, 21 anos, que apresenta dificuldade expressiva oral, o que dificultou a verbalização sobre o desenho exigindo um direcionamento para obtenção de uma possível descrição. Foi também utilizado o Programa *Paint*, que exige controle motor para se realizar figuras livres. Renato, com o auxílio de gestos e dos colegas para se expressar, disse que no desenho havia bandeiras e janelas.

Figura 3- Renato, 21 anos - Desenho no computador: Janelas e Bandeiras

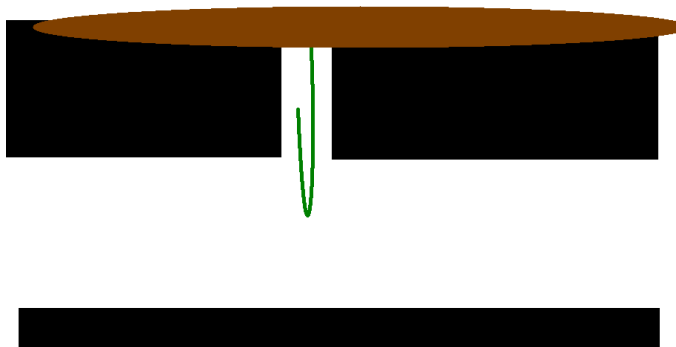


Figura 3 :Antonio, 24 anos. Desenho no computador: Rosto e Guarda-Chuva

A terceira imagem foi um desenho realizado por Antônio, utilizando o programa *Paint*. Ele o descreveu como um rosto e um guarda-chuva. Pode-se ver dois retângulos pretos como os olhos e um retângulo preto maior abaixo representando a boca. Na parte de cima do desenho, uma figura marrom oval e uma linha verde que saem da figura, segundo Antonio, representam o guarda-chuva.

Figura 4. Interações- Desenho com l-pis de cor, feito por Paula, 25 anos



Figura 4- Desenho com l-pis de cor, feito por Paula, 25 anos

Nesta imagem, de acordo com o relato de Paula, ela desenhou a mãe de uma colega, a sua colega, o sol e praia, a bola que joga com o irmão na praia, a casa da de sua colega que já visitou diversas vezes e conhece bem. Paula descreve a casa: a sala é em baixo, depois a cozinha, o banheiro, o quarto da mãe e da filha. Fala em nível descritivo.

Considerações Finais

Considerando o ensino de arte para pessoas com necessidades especiais, nas vivências com imagens, destacamos também a importância do processo de mediação. Larrosa (2004) escrevendo sobre mediação, refere a ideia do olhar, o olhar por todos os sentidos, uma mudança na forma de sentir a arte, e no modo de propor mudanças para os alunos, destacando

a idéia de que é preciso uma interrupção, para que algo toque o ser humano, uma idéia que aponta caminhos para pensar formas de vivenciar o processo de mediação.

A experiência na vivência da produção artística requer uma forma diferente de se relacionar com o mundo. Através da produção das imagens a pessoa tem, no seu próprio ritmo, a oportunidade de reestruturar sua forma de sentir e significar as questões e as representações do seu cotidiano e do seu imaginário. Pode-se constatar estas afirmativas nas imagens e nos relatos apresentados pelos participantes da pesquisa, todos com síndrome de Down.

Em tempos de educação inclusiva há necessidade de refletir sobre a questão e os sujeitos do processo. A partir da análise dos dados da pesquisa, observa-se que a inclusão não ocorre apenas em educação, pois integra diferentes disciplinas, contextos, comunidade e sociedade. Por vários motivos, a inclusão pode ser considerada sócio-educativa.

A abertura das sociedades para as diferenças tem a ver, dentre outras questões, com uma mudança radical nos processos de inserção de pessoas com necessidades especiais, também de ensino e de aprendizagem, implicando numa postura de valorização da multiplicidade, da integração de saberes, das redes de conhecimento que, a partir daí, se formam e se constituem. Assinala para a transversalidade das áreas curriculares e para a autonomia intelectual do aluno, autor do conhecimento e que, por isso mesmo, imprime valor ao que constrói, ocorrendo neste processo a interação social.

Para Vygotsky (1984), o exercício pleno da criatividade é de importância fundamental para o indivíduo, dando importância à expressão espontânea integrada ao processo de aquisição e de construção do conhecimento. Trata-se de uma referência importante, considerando a inclusão sócio-educativa.

Nas imagens apresentadas pode-se evidenciar que pessoas com necessidades especiais, com síndrome de Down, ao participar de atividades diferentes, respondem de modo efetivo. Os participantes da pesquisa mostraram-se receptivos ao processo realizado, a alegria foi uma manifestação visível. Pode-se retomar as propostas de Vygotsky sobre a imaginação,

criatividade e interação social. Trabalharam em conjunto, trocaram imagens, interagiram. Nas verbalizações associadas com as imagens referiram elementos do contexto, objetos que permeiam suas experiências cotidianas.

Espaços como o desta ONG representam uma alternativa sócio-inclusiva para trabalhar diferentes atividades e experiências com pessoas com síndrome de Down, particularmente nos casos em que a idade dos participantes dificulta sua inserção ou a continuidade da permanência nas escolas. Não se propõe a substituição da escola, mas uma proposta complementar e interativa.

Os dirigentes e voluntários da ONG participam com entusiasmo das atividades, mostrando aceitação das diferenças entre as pessoas. Cada um tem seu ritmo, seu tempo para aprender e expressar-se, necessita de oportunidades, de atenção e de atividades diversificadas, considerando as diferenças individuais.

Em análise reflexiva dos progressos e mudanças assinalamos a necessidade e importância de uma educação em sociedade, na e pela ação social, que acolha e cultive as diferenças como elementos de valor positivo, com abertura de um espaço plural. A inclusão social de portadores de necessidades especiais, no entanto, pode iniciar na escola e ir além. Deve perpassar a sociedade, integrando ações em uma postura que contempla a cidadania.

Referências

ANASTASIOU, L. G. C. **Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica.** Curitiba: IBPEX Autores Associados, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Atlas, 1998.

Declaração de Salamanca E Linha De Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Corde, 1994.

- CANEIRO, F. M. T.; FREITAS, N. K. **Imagens, Desenhos E Significados De Professores E Alunos Com Necessidades Educativas Especiais Em Escolas Com EducaÁ,,o Inclusiva.** ContribuíÁies do desenho em EducaÁ,,o Inclusiva. IN: Revista Da Pesquisa. V.3, n. 1, 2008.
- DELARA«qO DE SALAMANCA. **Enquadramento da aÁ,,o:** Necessidades Educativas Especiais. IN: Conferencia sobre NEE: Acesso e Qualidade- UNESCO. Salamanca-Espanha. UNESCO, 1994.
- FLICK, U. **Uma IntroduÁ,,o ‡ Pesquisa Qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREITAS, N. K. **InteraÁ,,o Social, Imagens e Aprendizagens em Arte e EducaÁ,,o Inclusiva.** In: Revista Da Pesquisa. V.3, N.1, 2008.
- FREITAS, N. K. **PercepÁies, Imagens, Palavras:** Os significados, a formaÁ,,o e o desenvolvimento humano. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 27, n. 56, p. 45-54, jan./mar. 2009.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e educaÁ,,o depois de Babel.** Belo Horizonte: AutÁntica, 2004.
- LARROSA, J. SKLIAR, C. **Habitantes de babel:** polÍticas e poÉticas da diferenÁa. Belo Horizonte: AutÁntica, 2001.
- MANTOAN, M.T et all. **A IntegraÁ,,o da Pessoa com DeficiÁncia.** S,,o Paulo: Memnon, 1997.
- MINAYO, M.C. **Pesquisa Social:** Teoria, MÈtodo e Criatividade. PetrÙpolis: Vozes, 1994.
- MORIN, E. **Os Sete Saberes Necess·rios ‡ EducaÁ,,o do Futuro.** S,,o Paulo: Cortez, 2000.
- OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento- Um Processo SÙcio-HistÙrico.** S,,o Paulo: Scipione, 1997.
- PEREIRA, J; FREITAS, N.K. **Imagens, Desenhos E Significados De Professores E Alunos Com Necessidades Educativas Especiais Em Escolas Com EducaÁ,,o Inclusiva.** O Desenho como Ferramenta de IntegraÁ,,o Social na EducaÁ,,o Inclusiva. In: Revista Da Pesquisa. V. 2, N. 2, 2007.
- PERÒNOLA, M. **El Arte u su Sombra.** Madrid: C·tedra, 2002.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histÙrico-cultural da educaÁ,,o.** PetrÙpolis, RJ: Vozes, 1995.
- RODRIGUES, M. C. P. **Terceiro setor:** para que serve? *Conjuntura EconÙmica.* Janeiro de 1997.(n,,o sei se consta ñVer)

SPITZNER, G. L. **Formação Continuada de Professores: Limites e Possibilidades da Reflexão Crítica Compartilhada no Local de trabalho.** Itajaí, 2002. Universidade do Vale do Itajaí.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **La Imaginación y la Arte en la Infancia.** Espanha: Akal, 1996.